

**NA POLÊMICA DE “O INSTANTE” A IGREJA (AINDA) TEM SALVAÇÃO?
SØREN KIERKEGAARD E HANS KÜNG**

**IN THE POLEMIC OF *THE MOMENT*, HAS THE CHURCH (YET) SALVATION?
(SØREN KIERKEGAARD & HANS KÜNG)**

ÁLVARO L. M. VALLS (*)



(*) **Álvaro Luiz Montenegro Valls** é Mestre e Doutor em Filosofia pela Universidade de Heidelberg, Alemanha, lecionou por três décadas na UFRGS e por duas na UNISINOS. Publicou: *O que é Ética?*; *Entre Sócrates e Cristo*; *Da Ética à Bioética*; *Kierkegaard, cá entre nós*; *O Crucificado encontra Dionísio*; e *Kierkegaard, Préludes Brésiliens*, entre outros. Traduziu livros de Adorno, Habermas, Carl Schmitt, e algumas das principais obras de Kierkegaard, tais como *Migalhas Filosóficas*, *O Conceito de Angústia*, *Pós-escrito às Migalhas Filosóficas*, *As Obras do Amor*, *O Instante*, entre outros. Sua última pesquisa para o CNPq trata da recepção de Kierkegaard na Alemanha de entreguerras. Presidiu, por dois anos, a ANPOF. Casado desde 1971 com Cleufe Maria, três filhos, cinco netos.
<https://orcid.org/0000-0003-0681-1368>

Email: alvaro.valls@gmail.com

Resumo: O Instante, afinal traduzido do dinamarquês e publicado, contém a polêmica kierkegaardiana, irônica e mordaz, contra a igreja oficial da Dinamarca, denunciada como mundanizada, infantilizada, clericalizada e sem nada a ver com “o Cristianismo do NT”. Este jornal busca realizar a prometida “catástrofe”, postergada até depois da morte do Bispo Mynster e eleição de Martensen. – Com a distinção entre cristandade (fenômeno geográfico e cultural); cristianismo (mensagem existencial); e cristicidade (o autêntico ser-cristão) tais panfletos repercutiram na Alemanha, em pastores dissidentes, como o tradutor Chr. Schrempf e, graças ao volume *Angriff auf die Christenheit* (1896) e ao Tomo 12 das *Kierkegaards Werke*, estimularam as obras de Jaspers, Heidegger e Adorno, de Barth, Bultmann e Tillich. – Para ilustrar a atualidade das questões e a metodologia socrática do polemista, cotejamos a obra ora traduzida com a que o teólogo católico ecumênico Hans Küng escreveu: A Igreja tem salvação? Discutindo a religião na esfera pública, ambos os autores criticam a “cristandade” defendendo um cristianismo autêntico.

Palavras-chave: Kierkegaard; Küng; Cristianismo; Crítica da cristandade; Igrejas cristãs; Clericalismo.

Abstract: The Moment, finally translated into Portuguese from Danish, brings the ironic and caustic, Kierkegaardian controversy with the official Denmark church, which was denounced as turned into something mundane, childish, clerical and with nothing to do with the “NT Christianity” anymore. This paper aims to make true the promised “catastrophe”, postponed to after the Bishop of Mynster’s death and Martensen’s election. – By means of distinguishing between Christendom (a cultural and geographic phenomenon); Christianity (the existential message), and Christicity (the authentic Christian way to be), those pamphlets had a strong impact in Germany in dissident pastors like the translator Chr. Schrempf and – thanks to the volume *Angriff auf die Christenheit* (1896) and to the tome 12 of *Kierkegaards Werke* – they stimulated the works of Jaspers, Heidegger, Adorno, Barth, Bultmann and Tillich. In order to illustrate the up-to-dateness of the questions and the Socratic method of the polemicist, we have cross-checked this now translated work with the one written by the Swiss, ecumenical catholic theologian Hans Küng: Does the church have salvation? While they discuss religion in the public sphere, both authors criticise “Christendom” by defending an authentic Christianity.

Key words: Kierkegaard; Küng; Christianity; Criticism of Christendom; Christian churches; Clericalism.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

1. A ATMOSFERA

Para começo de uma conversa sobre a religião na esfera pública, motivada pela recente publicação de nossa tradução da obra derradeira de Kierkegaard, queremos tentar uma confrontação de dois importantes autores e protagonistas, e para tanto imaginemos brevemente duas cenas possíveis:

1a. cena: Em Copenhague, 1854, no funeral do grande bispo Mynster, o teólogo e candidato à sua sucessão, Martensen, enquanto preside a cerimônia, exclama (em italiano, digamos) “*Santo súbito*”, para grande indignação do pensador e escritor Søren Kierkegaard, o qual prepara então uma polêmica a ser desencadeada dez meses mais tarde nos jornais da Capital, Copenhague, e depois nos 10 números de um folheto próprio, que se intitulará *O Instante*.

2a. cena: Em Roma, 2005, na presença de Lula, “o cara”, de dona Marisa Letícia, e dos maiores detentores do poder mundial, no funeral do mediático papa polonês Karol Wojtyła, o teólogo e cardeal Ratzinger, chefe do Santo Ofício e candidatíssimo à sucessão, afirma (em dinamarquês, por que não?): “*O papa falecido foi um elo na cadeia das testemunhas da verdade (os mártires), das autênticas testemunhas da verdade*”. Passados cinco anos, um indignado professor suíço de teologia, Hans Küng, publica um livro em que pergunta se “A Igreja (ainda) tem salvação?”

Temos aqui dois fatos reais, históricos. Apenas as afirmações retumbantes trocaram de cena, em nosso texto (sendo que, no caso de Roma, era a multidão quem gritava, para a alegria do candidato e dos que para lá haviam viajado).

2. DUAS CRÍTICAS FEITAS DE DENTRO PARA FORA

Ao fundir, no título geral deste artigo, os títulos de duas obras, uma delas composta pela reunião de 10 números de um jornal polêmico distribuído pelas ruas centrais de Copenhague ao longo do ano de 1855 (com mais dois “discursos”) pelo próprio autor, um luterano de 42 anos (mais de um século antes das panfletagens de Sartre com um jornal que não era deste), e de uma outra obra, composta como um livro de um teólogo católico e ecumênico suíço, com mais de 50 anos de atuação e docência, tendo inclusive atuado como perito no Concílio Vaticano II¹ (concílio ecumênico com o qual o Papa João XXIII buscou arejar e atualizar a Igreja Católica, ali definida então como “O Povo de Deus”), estamos, é claro, forçando propositamente uma barra, e das mais duras. Podemos, porém, para tornarmos nosso trabalho produtivo, seguir duas sugestões do próprio Kierkegaard. A primeiríssima Anotação de seus Diários (*Papirer*) afirmava, ainda nos anos 1830, “que precisamos de um segundo foco de luz para enxergarmos bem determinadamente um primeiro” (se isso é verdade, comparar visões diferentes pode ser uma tarefa produtiva); e a segunda observação está nas páginas iniciais de *O Conceito de Angústia*, prevenindo (na esteira de um G. E. Lessing) sobre a importância das “distinções”, hoje em dia (1844 ou 2020), infelizmente negligenciadas, atualmente, pela maioria dos leitores (que aliás são cada vez menos).

Vejamos, portanto, algumas das semelhanças das duas obras, respeitando também as suas respectivas diferenças:

- 1) Os dois livros, traduzidos ao português por editoras paulistas, LiberArs 2019 e Paulus 2012, têm exatamente o mesmo número de páginas: 291. (O que, aliás, até aí, nada quer dizer...)²

¹ “Eu e Joseph Ratzinger, atual papa, fomos os mais jovens conselheiros oficiais do Concílio Vaticano II (1962-1965), que procurou corrigir alguns pontos cruciais do sistema romano. Infelizmente, esse propósito se deixou lograr apenas em parte, em razão da oposição da Cúria Romana.” (KÜNG, 2012, p. 15.)

² Mas esta indicação pode levar algum leitor curioso ao contato direto com as obras, o que sempre será um resultado positivo e animador. – Na verdade, *O Instante* constitui-se da coleção dos 10 números do jornal “volante” distribuído na Capital, sendo que o número 10 não chegou a ser publicado, devido à morte do autor.

2) Os dois autores, Kierkegaard e Küng, consideram-se cristãos e criticam as estruturas e os costumes de suas próprias igrejas a partir das mensagens do próprio Cristianismo³, enfatizando ambos igualmente o Novo Testamento e a experiência da igreja primitiva.⁴

3) Os dois autores defendem uma igreja apostólica, mas criticam acerbamente o fenômeno do “clericalismo”, típico de uma igreja de duas castas, onde uma delas se arroga o direito de ser dona e administradora da verdade. As duas críticas ao clericalismo (que poderiam ser comparadas com as do próprio Papa Francisco!) têm muito em comum, pois denunciam uma mundanização das estruturas clericais e eclesiásticas. Kierkegaard enfatiza a “acomodação” da mensagem aos gostos humanos e mundanos, o carreirismo⁵, a busca vaidosa de glórias mundanas, promoções, um rendoso ganha-pão, enfim, tudo primeiro, antes da busca do Reino dos céus⁶, e no final, com o peito pesado de cruces de condecorações, um enterro com banda de música, feriado nacional e ainda por cima ser logo lembrado como uma das “testemunhas-da-verdade” (praticamente sinônimo de mártir, com a vantagem de nada ter sofrido, afora algumas agruras do carreirismo), e Kierkegaard denuncia ainda a politização da igreja evangélico-luterana dinamarquesa no

³ *O Instante*, número 2: “O que o Cristianismo quer é: seguimento. O que o ser humano não quer, é: não quer sofrer, e ainda menos uma espécie de sofrimento que é o próprio do cristão: sofrer da parte dos homens. Então ele suprime o seguimento, e com este o sofrimento, o especificamente cristão; então, constrói os sepulcros dos profetas...” (KIERKEGAARD, 2019, p. 67.) – E mais adiante, no número 5 do jornal: “Assim sucedeu quando Cristo proclamou o Cristianismo: a humanidade ficou incondicionalmente impressionada. / *Mas naturam furca expelles* [‘se expulsas a natureza com o forçado’... – Horácio], ela contudo retorna. (...) / Então o Modelo se foi. Também se eliminou o apóstolo como modelo. Depois também o Cristianismo primitivo enquanto modelo. E dessa maneira se conseguiu por fim – voltar a andar com as quatro patas, e isso, justamente isso, seria o cristianismo verdadeiro. Com a ajuda de dogmas a gente se assegurou contra tudo o que pudesse, ainda que com alguma verdade, chamar-se Modelo cristão, e assim se avançou a todo pano rumo à – perfectibilidade. (KIERKEGAARD, 2019, p. 116.)

⁴ “Sem essa referência concreta ao Jesus Cristo histórico, à sua mensagem, à sua conduta e ao seu destino (tal como o caracterizei no livro *Ser cristão*), uma Igreja cristã, qualquer que seja, não teria nem identidade nem relevância. (...) Tal remissão concreta ao Cristo histórico é o desejo e aspiração de muitos na Igreja, que no seu íntimo gostariam que sua Igreja se tornasse novamente cristã, que voltasse a se orientar, e cada vez mais, *pelo Evangelho, em Jesus Cristo*.” (KÜNG, 2012, p. 66s.) – Ou também: “Por toda parte, há católicos atuantes se perguntando: como fazer a Igreja sair dessa crise? De onde haurir novas forças e renovada confiança? A resposta aponta basicamente para o seguinte: deveríamos refletir seriamente sobre as origens cristãs da Igreja tal como nos é trazida pelo Novo Testamento.” (KÜNG, 2012, p. 204.)

⁵ “Mas, como se disse, a dificuldade com o Novo Testamento consiste em que, exigindo o ideal, lutando contra os espíritos [do mal] não leva absolutamente em conta esse *Corpus* enorme que na ‘cristandade’ constantemente oferece a verdadeira ortodoxia cristã, cuja seriedade cristã encontra sua expressão no fato de que as ‘testemunhas da verdade’ – que satírica autocontradição! – fazem carreira e são bem sucedidas neste mundo, descrevendo aos domingos de que modo a verdade tem de sofrer nesse mundo.” (KIERKEGAARD, 2019, p. 50.)

⁶ A este respeito, há que ler, em *O Instante N. 7*, “*Primeiro* o Reino de Deus – Uma espécie de novela”! (P. 172-175.)

sentido de buscar apoio estrutural e econômico no Estado monárquico⁷, provocando a contradição de que os pastores jurem, e jurem sobre o Novo Testamento, tornando-se assalariados do poder real terreno⁸. – Já o enfoque de Küng ataca mais frontalmente a hierarquia imperial romana, com o Papa e a Cúria Romana fazendo política autoritária, totalitária e teocrática, dominadora das consciências e dos cargos (nomeação de bispos submissos, e submetidos a juramentos de cega obediência, afastados do povo de Deus, e “sem cheiro do rebanho”), ataca a centralização e o despotismo (nem sempre “esclarecido”)⁹, e condena fortemente o afastamento reacionário das diretrizes conciliares pelos dois últimos papas (anteriores a Francisco, eleito após o livro de Küng, e que certamente terá lido a obra do teólogo suíço)¹⁰, além de fustigar o conservadorismo reacionário, medievalista, inquisitorial, imperial que marcou a igreja católica, aliás, não só recentemente, mas nos últimos mil e poucos anos.¹¹

4) Enquanto Kierkegaard lamenta que o Protestantismo em seu país tenha deixado de ser um “corretivo” necessário a um outro modelo de igreja, de modo que a importância do laicato e o próprio estado de matrimônio dos pregadores da mensagem reafirmassem uma religião dos sete dias da semana (e com ênfase nos “dias úteis”), e não aquela religião comodista, acomodada, aburguesada, que só insiste “numa hora de recolhimento dominical”, e que no resto da semana deixa roubar e corromper, sempre que preciso ou vantajoso, enquanto ele lamenta que o casamento tenha feito os pastores “buscarem em primeiro lugar” as prebendas das paróquias mais ricas, que garantam que a patroa e os filhotes se mantenham alegres e rechonchudos, além de se gloriarem mutuamente e deixarem de viver como pessoas que acreditam na mensagem da salvação, enquanto Kierkegaard, portanto, crítico do movimento monacal como esperança rasteira de uma

⁷ “Quem sabe o Estado não teria a amabilidade de liberar, quanto antes tanto melhor, toda a clerezia do juramento pelo Novo Testamento, restituir-lhes esse juramento, expressando que o Estado interferiu em assunto que não lhe compete...” (KIERKEGAARD, 2019, p. 80.)

⁸ “Pois bem, tomei o Novo Testamento, permiti-me respeitosamente recordar que estas veneráveis testemunhas da verdade estão por juramento comprometidas com o Novo Testamento – e então se produziu silêncio. Isso não foi estranho?” (KIERKEGAARD, 2019, P. 62s.)

⁹ “... o que a caracteriza é um monopólio do poder e da verdade, por meio do juridicismo e do clericalismo, da animosidade para com o sexo e com as mulheres, bem como pelo uso do poder nos âmbitos espiritual e não espiritual.” (KÜNG, 2012, p. 14.)

¹⁰ Küng é bastante cético, em 2012, quanto à renovação da figura do líder dos católicos: “Nos Estados Unidos o corretivo democrático da eleição faz com que a um George W. Bush suceda um Barack Obama. Já na autoritária monarquia papal romana não há esse corretivo democrático; a escolha de um ‘Obama’ para papa é, ‘*Rebus sic stantibus*’ (‘A continuarem as coisas como estão’), impensável.” (KÜNG, 2012, 69.)

¹¹ “Porém, desde o século XI, cada vez mais tem se tornado um papado monarquista absoluto, que instaurou seu domínio sobre a história da Igreja Católica.” (KÜNG, 2012, p. 15.)

salvação imediatista, satiriza a distância entre as palavras e a vida dos pregadores juramentados¹², Hans Küng, por sua vez, numa perspectiva “católica”, – no sentido forte, que sempre significará antes “ecumênica”, e não em primeiro lugar “romana” (*contradictio in adjecto*)¹³ – reclama com clareza, firmeza e numa crítica fraterna, do fato de o catolicismo não ter nada aprendido com os grandes reformadores¹⁴ e, quinhentos anos depois, quando o Concílio Ecumênico Vaticano II, buscou atualizar a igreja, termos pouco depois tido dois fortes papados que afastaram mais ainda nossos “irmãos separados”.¹⁵ (Küng pesquisou muito a respeito¹⁶, e tem certeza de que a culpa principal da cisão das igrejas cristãs no século XVI e seguintes cabe antes a Roma, sem dúvida¹⁷, que incentivava Cruzadas de conquistas sangrentas e que pouco aproveitou do espírito daquele outro Francisco, o pobrezinho de Assis¹⁸). Roma merece a crítica, por estar cada vez mais dominada ideológica, jurídica e financeiramente por uma Cúria totalitária.¹⁹

¹² Ao final da Novela de *O Instante* N. 7, Ludvig From: “faz sua prédica. ‘Uma pregação muito boa’ diz o Bispo, que estava presente pessoalmente, ‘uma prédica muito boa; e produziu um efeito correto toda aquela parte sobre o primeiro o Reino de Deus, o modo como ele ressaltou este Primeiro’. ‘Mas parece a Vossa Excelência que havia ali a desejável concordância entre o discurso e a vida? – em mim quase produziu uma impressão satírica, este Primeiro.’ ‘Que absurdo; ele, afinal de contas foi nomeado para proclamar a doutrina, a sã e autêntica doutrina sobre o procurar primeiro o Reino de Deus; e isso ele o fez muito bem’.” (KIERKEGAARD, 2019, p. 174.) – A proclamação da verdade não acompanhada de uma vida na verdade, vida que “testemunha” a verdade, Kierkegaard prefere chamar de “declamação”.

¹³ Ver KÜNG, 2012, p. 123.

¹⁴ “Afinal, segundo o ideário romano, do que precisa um católico para a sua formação religiosa? Por certo não precisará da Bíblia, que facilmente confundirá quem a lê se o fizer individualmente. Seria o caso de lhe dar, isso sim, e antes de tudo o *catecismo romano*, que contém todo o essencial da doutrina católica no que se refere à fé e ao comportamento.” (KÜNG, 2012, p. 153)

¹⁵ “No período pós-concílio, Roma passou cada vez mais a reverter as iniciativas de renovação, o que nos últimos anos conduziu a uma irrupção aberta da crescente e ameaçadora enfermidade da Igreja Católica.” (KÜNG, 2012, p. 15.)

¹⁶ “Quem teve a oportunidade de se debruçar sobre essa história não terá dúvida: a responsabilidade principal pela Reforma não deverá ser imputada ao reformador Lutero, que também cometeu erros, mas à *Roma inimiga de qualquer reforma* – e seus acólitos alemães.” (KÜNG, 2012, p. 126.)

¹⁷ “Se este sistema pode não ser o único, certamente é o principal responsável pelas três grandes cisões da cristandade: a primeira, entre as Igrejas ocidental e oriental, no século XI; a segunda, no seio da igreja ocidental, entre as Igrejas católica e a nascente religião protestante, no século XVI; finalmente, na passagem do século XVIII para o XIX, a terceira cisão, entre o catolicismo romano e o mundo iluminista moderno.” (KÜNG, 2012, p. 14.)

¹⁸ “Porém, já na época de Inocêncio deixava-se entrever uma *clara alternativa ao sistema romano*, como no encontro histórico do papa com Francisco de Assis, em 1209 (...) O ‘Poverello’, aquele pequeno pobre, em seu modo de vida como um todo, demonstrou ao poderoso papa o que realmente implicava o cristianismo = o cristianismo como sucessão de Cristo.” Pobreza – Humildade – Simplicidade... “Não seria possível uma Igreja da Boa-Nova e da Alegria? Uma teologia mais orientada para o Evangelho, que ouvisse as pessoas, em vez de apenas doutriná-las de cima para baixo? Uma ‘Igreja oficial’ e não apenas professoral, mas também uma Igreja do povo em eterno aprender? – A verdade é que o papa não aprendeu nada com Francisco de Assis, e à sua arrogância se seguiu a humilhação.” (KÜNG, 2012, p. 116 e 117.)

¹⁹ “Para o Vaticano o povo não valia nada, um padre tampouco, até um bispo valia bem pouco, só mesmo um cardeal tinha valor, contanto que fosse *persona grata* para o papa.” (KÜNG, 2012, p. 181.)

Küng vê, portanto, de modo bem positivo os impulsos evangélicos da Reformação, e mostra como a Igreja, que sempre deveria estar sendo reformada, sempre de novo tem fugido das saneadoras reformas.

5) A Igreja de Küng, por conseguinte, seria muito mais evangélica e reformada.²⁰ A do luterano Kierkegaard precisaria ser, – caso seguisse o seu ideal, o seu Modelo, – sob vários aspectos, bastante católica, valorizando a pobreza, a castidade e a obediência aos mandamentos do Evangelho, resumidos no Sermão da Montanha, texto aliás valorizado de maneira igual pelo teólogo dinamarquês e pelo suíço. O Cristianismo, para ambos, é muito mais “mensagem de salvação” do que “cristandade”, enquanto seita ou castelo a ser defendido. À “cristandade” fenômeno social que Hans Küng trata com naturalidade, Kierkegaard opõe o conceito (que já foi título de outro livro do suíço) do “ser-cristão” (“*Christ-sein*”): ou seja, a cristicidade, o ser-cristão-de-verdade, em alemão: “*Christlichkeit*” (expressão mais tarde usada tanto por Nietzsche e Overbeck quanto por Adorno). A igreja de Kierkegaard quer ser santa, e honra os verdadeiros mártires²¹, procura acima de tudo viver uma prática evangélica (e neste ponto concordaria com o Nietzsche de *O Anticristo*, ao menos quando este diz que: Cristianismo é “prática da fé”²², e não apenas um “ter algo por verdadeiro”: “*etwas für wahr halten*”)²³, não perde o precioso tempo da caridade com sutis discussões teológicas eruditas que sirvam apenas para distrair e assim afastar da dimensão da prática, expressa com perfeição no preceito do “Amai-vos uns aos outros, pois *nisto* conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13, 34-35). A rigor, para Kierkegaard, todo verdadeiro cristão deveria ser um certo mártir, assinando com o seu sangue, ou ao menos com seu suor

²⁰ “*Radicalidade cristã*: os enunciados para a reforma da Igreja não se encontram fundados na adaptação a um ‘Espírito do tempo’ ou amparados apenas em deliberações sociológicas e práticas, mas sim no próprio documento original da fé cristã.” (KÜNG, 2012, p. 287.)

²¹ Honra os mártires, dispondo-se a imitá-los, segui-los. Não simplesmente ganha o seu pão contando histórias sobre eles, como “antropófagos” no sentido “mais abominável”: “O que é o Cristianismo do Novo Testamento? É a verdade que sofre. (...) o Cristianismo é a verdade padecente, porque ele é a verdade e ele está nesse mundo. / Por ela, seu Fundador sofreu não somente a morte na cruz, porém toda a sua vida foi sofrimento (...) / Mas o que faz ‘o pastor’? Este homem estudado, ele não é tão maluco. ‘(...) Não, mas não seria acaso possível descrever os sofrimentos desses gloriosos, pregar seus ensinamentos como doutrina, não seria possível fazer isto, e fazê-lo de um modo tal que rendesse uma importância tal que permitisse a um homem desejoso de desfrutar a vida poder viver disso, depois casar-se e gerar filhos e ainda alimentá-los?’ Quer dizer, não seria possível transformar as glórias do Cristianismo em dinheiro, ou se alimentar delas, viver com esposa e filhos alimentando-se delas?” (KIERKEGAARD, 2019, p. 257.)

²² “... uma Igreja que mantém a fé em Jesus Cristo, em palavras e ações.” (KÜNG, 2012, p. 221.)

²³ “Uma reforma pautada pelo espírito do Evangelho, que conduziu menos à nova formulação de uma doutrina e mais a uma renovação da vida cristã em todos os níveis.” (KÜNG, 2012, p. 125.)

diário, o seu afastamento do mundo do pecado. A “dimensão polêmica” do cristianismo teria sido, porém, esquecida ou ignorada pela igreja dinamarquesa e pelos que confundem a igreja militante e a padecente com a triunfante²⁴. Pois a “cristandade” é a massa²⁵; e a massa, a multidão, é a mentira. (Nos *Diários* ele fez inclusive certa vez uma atrevida ironia a respeito dos 3000 convertidos após o sermão de Pedro em Pentecostes: “Três mil batizados num só dia? Alguma coisa aí não cheira bem...”) Os mil pastores contratados e assalariados para cuidar das almas de um milhão de súditos da monarquia dinamarquesa²⁶ precisam ao menos fingir que acreditam que vivam no país um milhão de cristãos²⁷, para assim manterem os seus empregos²⁸, pagos pelo Estado²⁹. Portanto, pelo Cristianismo do Novo Testamento, nosso dinamarquês aconselha que o verdadeiro crente se afaste do culto dominical, e justamente por levar as coisas a sério se distancie da igreja oficial (mas não de Cristo e do Pai).³⁰ Convém aqui ressaltarmos a cláusula condicionante de

²⁴ “Infame mentira do pastor, mas que se paga, oferecer o cristianismo *tranquilizante*, enquanto ele, no mais profundo sentido, é *despertador, inquietante*. (...) A gente o oferece como tranquilizante: (...) ‘O caminho do meio é a verdadeira sabedoria. Fica tranquilo, tu és perfeitamente igual aos milhões’...” (KIERKEGAARD, 2019, p. 250.)

²⁵ “O interesse do *Cristianismo*, aquilo que este quer, é: verdadeiros cristãos. / O egoísmo da *clerezia* relaciona-se, tanto pela vantagem pecuniária como por causa do poder, com: muitos cristãos.” (KIERKEGAARD, 2019, p. 99.)

²⁶ “O mercador, o profissional da indústria, etc., acham que ao obter a permissão para usar em seus produtos o adjetivo “real”, valem mais do que aqueles que não têm esse adjetivo. / Voltemo-nos agora ao Cristianismo. Ele é o divino, e o divino que, justamente porque em verdade é o divino, por preço nenhum quer ser um reino deste mundo; pelo contrário, quer que o cristão arrisque vida e sangue para evitar que ele se converta em um reino deste mundo. / E, contudo, o Estado encarrega-se de estabelecer, sob a denominação de mestres em Cristianismo, 1000 funcionários do reino! / (...) o mais verdadeiro é não estar autorizado pela realeza. O estar autorizado pela realeza pode ser uma facilidade, uma comodidade, uma conveniência para o pastor: *das ist was anders*, mas do ponto de vista cristão é não-recomendação (*Misrecommendation*: contraíndicação, desrecomendação).” (KIERKEGAARD, 2019, p. 81 e 81.)

²⁷ “O que sustenta esta ilusão de que existe um povo cristão é em parte a generalizada apatia e indolência humanas, que preferem permanecer na velha rotina – mas o que principalmente a sustenta são afinal esses 1000 interessados, entre os quais não há um só que não esteja pecuniariamente interessado em manter a ilusão. 900 ficariam, é provável, completamente sem fontes de renda quando se interrompesse a ilusão, e os 100 que estariam em condições de exercer o seu trabalho de forma privada entenderiam bem demais que se tratava de algo totalmente distinto do atual serviço polainado; com avanços graduais de ordenados assegurados pelo Estado...” (KIERKEGAARD, 2019, p. 83s.)

²⁸ “Mas não adianta, temos que expulsar todos os disfarces e as mistificações e as pompas para chegar ao que interessa: que a questão da subsistência da ordem eclesiástica estabelecida é – uma questão de dinheiro; que o pomposo silêncio do clero tem uma explicação muito simples, corresponde ao que sucede nos negócios, que quando se cobra dinheiro de alguém, este trata primeiro de ver se pode safar-se, fingindo não ter ouvido. Seria preferível que o clero reconhecesse abertamente a verdadeira situação, a coisa fica cada vez pior por culpa de seu silêncio.” (KIERKEGAARD, 2019, p. 84.)

²⁹ “... o Estado ... conseguiu tornar sinônimos Cristianismo e ganha-pão...” (KIERKEGAARD, 2019, p. 96.)

³⁰ “Então, eu repito: ‘Isto deve ser dito: Por deixares de participar no culto divino oficial, tal como ele é agora (se é que tu ainda participas), terás uma culpa a menos, e das grandes.’ Sejas tu quem fores, cuida-te: não te darás bem na eternidade se não lewares mais a sério o assunto da religião, e permitires que esse

Kierkegaard: enquanto Küng utilizava o restritivo “*rebus sic stantibus*”, o dinamarquês, em seu conselho, restringe a proposta de afastamento do culto à cláusula “tal como ele é agora”! – Enquanto o dinamarquês urge pelo afastamento, para evitar o pecado de zombar de Deus, Hans Küng lamenta ver como a igreja católica encolhe a olhos vistos³¹, milhões por ano desistindo de participar do culto divino ou trocando de comunidades³², passando para outras confissões, mais próximas da vida diária do crente e com uma linguagem mais popular.³³ O Povo de Deus é esquecido pelos hierarcas e por um clero que prefere a lei do celibato, generalizado e obrigatório, à possibilidade de o Povo de Deus ter acesso à Palavra e à Ceia.³⁴ Enquanto isso, a cúpula romana se preocupa que o povo (que sabidamente faz sexo...) não toque seus dedos na hóstia consagrada nem tenha acesso ao cálice da salvação³⁵, e que se mantenha submisso a dogmas que nada mais lhes dizem, e se mantenha submisso a um clero na maioria dos casos ignorante³⁶ além de muitas vezes existencialmente frustrado.

6) Nas páginas de *O Instante*, temas como corrupção financeira, lavagem de dinheiro, politicagem nas altas cúpulas do poder e mesmo casos inúmeros e vergonhosos de pedofilia³⁷ e, pior ainda, de encobrimento desses crimes pelos bispos e autoridades do Vaticano e pelo próprio papa, com a decretação de sigilo total, e a nomeação dos pedófilos

ofuscamento seja o teu culto divino, e participares do ato de fazer Deus de bobo.” (KIERKEGAARD, 2019, p. 248.)

³¹ “Suponho que um teólogo como Joseph Ratzinger, que vive no Vaticano há mais de três décadas, pouco seja capaz de compreender como me dói no coração ver em minha paróquia natal, no serviço dos domingos, umas poucas dezenas de fiéis, enquanto décadas atrás a igreja vivia cheia.” (KÜNG, 2012, p. 29s.)

³² Neste ponto, o dinamarquês é bem mais radical ou mais cético (ou, quem sabe, apreciador de um cristianismo de “diáspora”) do que o teólogo católico suíço: “Este enorme castelo no ar: um mundo cristão, estados cristãos, reinos, países; essa brincadeira com milhões de cristãos que se reconhecem mutuamente na mediocridade; não obstante, porém, são todos crentes: tudo isso repousa sobre uma base que, segundo as palavras do próprio Cristo, torna impossível o crer.” (KIERKEGAARD, 2019, p. 270.)

³³ “Ao nomear bispos reacionários e funcionários de orientação contrária à do Concílio para altos cargos de chefia (Secretaria de Estado, Congregação para a Liturgia, Congregação dos Bispos, entre outros) Bento XVI tem intensificado as forças anticonciliares da Igreja em âmbito mundial. Com ‘passos em falso’ como esses, o papa Ratzinger parece trilhar o caminho mais difícil, distanciando-se da grande maioria do povo da Igreja de nossos países, enquanto o povo da Igreja parece se importar cada vez menos com ‘Roma’, na melhor das hipóteses identificando-se com sua comunidade local...” (KÜNG, 2012, p. 25.) – Em vez de “povo da Igreja”, o teólogo conciliar poderia ter dito “o povo de Deus”, conforme a *Gaudium et Spes*.

³⁴ “... renunciariam ao ritual da Eucaristia, cerne da comunidade cristã do Novo Testamento, em favor da ‘sagrada’ lei medieval do celibato.” (KÜNG, 2012, p. 29.)

³⁵ “... do clero passou a ser exigida a abstinência sexual, e dos leigos, em sentido inverso, interditava-se o contato com as ‘formas sagradas’ (pão e vinho na Eucaristia). (KÜNG, 2012, p. 111s.)

³⁶ “O cardeal secretário de Estado nem mesmo fala inglês...” (KÜNG, 2012, p. 235.)

³⁷ “Desde então o celibato clerical e a crescente carência de padres foram considerados temas tabus para a Conferência dos Bispos Alemães, e assim se mantiveram... até virem a público os inúmeros casos de abuso sexual, e a tentativa de acobertá-los...” (KÜNG, 2012, p. 33.)

e encobridores para cargos do Vaticano³⁸, não aparecem (se prestei bem atenção ao traduzir a referida obra). Nem diretamente, nem nas dimensões atuais, onde os números variam entre milhares e milhões.³⁹ Claro: Kierkegaard fala de um milhão de “assim chamados cristãos” no reino da Dinamarca⁴⁰, enquanto Küng sabe que mais de 80 milhões deixaram a Igreja na (pen-)última década⁴¹. Neste sentido, o dinamarquês se ocupa primeiramente com o local, ao passo que o suíço prioriza o universal. Mas Kierkegaard denuncia⁴², não os preços cobrados (por Roma) para beatificações e canonizações, ou os milagres que a legislação canônica exige de Deus (ao menos 2 para cada santo!) e tampouco o que isso rende em dinheiro para o Vaticano, mas esse dinamarquês do século

³⁸ “Em breve deverão ser interpostas ações contra o cardeal Angelo Sodano, ex-secretário de Estado e hoje decano do colégio cardinalício, e contra o atual secretário de Estado cardeal Tarcísio Bertone. Ora, com isso poderia ser movida ação também contra o papa Ratzinger, pois, como relatou o *The New York Times*, na condição de prefeito da Congregação da Fé ele renunciou à aplicação de qualquer sanção contra o padre Lawrence Murphy, que no período 1950-1975, em Milwaukee, abusou de aproximadamente duzentos jovens surdos. Mesmo com o papa desfrutando de imunidade em sua condição de chefe de Estado, o quadro é de fato desastroso.” (KÜNG, 2012, p. 37s.)

³⁹ O enfoque em *O Instante* é outro, é o da fraude, da falsificação do Cristianismo do Novo Testamento em cristandade, hoje extremamente atual, com a crítica da ganância dos pastores: “Se o que o Cristianismo do Novo Testamento queria era: castidade – fora com os prostíbulos. A mudança está em que os prostíbulos continuaram exatamente como no paganismo; os índices da devassidão, iguais; mas agora se tornaram prostíbulos ‘cristãos’. Um cafetão é um cafetão ‘cristão’, ele é cristão como todos nós outros; excluí-lo dos meios da graça... ‘Oh! Deus nos livre, dirá o pastor, ‘aonde iríamos chegar logo que começássemos a excluir um único membro pagante?’ Ele morre, e bem proporcional ao que pagou, recebe um honroso elogio junto ao túmulo. E o pastor, após ter ganho dinheiro de uma maneira, na visão cristã, tão miserável, tão vil – pois, na visão cristã, teria sido preferível que o pastor o roubasse – regressa a sua casa, tem pressa, deve ir à igreja para – declamar, ou, como diz o Bispo Martensen: testemunhar.” (KIERKEGAARD, 2019, p. 119.)

⁴⁰ “É isso o que revolta: que a situação do Cristianismo seja, se possível, duas vezes mais difícil do que quando este entrou no mundo, porque agora não tem que enfrentar-se com pagãos e judeus (...), mas com *cristãos*, cujo rancor tem de despertar exatamente no mesmo sentido em que, no seu tempo, o despertava nos pagãos e judeus; *cristãos* aos quais a corporação dos trapaceiros clericais fez acreditar que são cristãos...” (KIERKEGAARD, 2019, p. 95.)

⁴¹ “Pode-se simplesmente deixá-la: isso já foi feito por milhares de fiéis nos últimos anos, e não só para não pagar o dízimo, mas também pelas muitas relações ilegais no seio da Igreja, como também pelo acúmulo de reformas não realizadas; desde 2010 a evasão tem como motivo sobretudo os escândalos de abuso sexual.” (KÜNG, 2012, p. 278.)

⁴² Se o problema da pedofilia não era urgente no século XIX, nem o da pompa principesca de certos cardeais em pleno século XXI, não deixam de ser hilários os comentários sobre o clero com suas vestimentas pomposas, baseando-se ele na palavra da Escritura: “Cuidado com aqueles que andam com vestes compridas. Não é preciso dizer que a intenção de Cristo, com essas palavras, não pode ser criticar as roupas deles, não; não é por certo um comentário sobre roupas; Cristo não se opõe a que as roupas sejam longas. Se a veste da corporação dos pastores fosse uma vestimenta curta, então Cristo teria dito: Cuida-te daqueles que andam com vestes curtas. E se queres que eu vá até o extremo para mostrar que não é uma crítica sobre roupas – caso a veste da corporação dos pastores tivesse sido andar sem roupas, então Cristo teria dito: Cuidai-vos dos que andam sem vestes. É a Corporação que ele quer atingir ao caracterizá-la por seu traje específico (pois Ele pensa em algo totalmente diferente quando fala em: ser mestre). / Cuidai-vos daqueles que *gostam* de andar com longas vestes...” (KIERKEGAARD, 2019, p. 131.)

XIX anuncia ou denuncia o incrível milagre, o maravilhoso prodígio que a igreja dinamarquesa oficial consegue realizar a cada dia: viver de um nada!⁴³

7) Enfim, um autêntico celibato como seguimento livre do Modelo e do Apóstolo (melhor dizendo, de um ou dois dos apóstolos, pois o resto desses escolhidos por Jesus de Nazaré era casado), é aceito e reconhecido como um valor bem positivo tanto por Kierkegaard quanto por Küng⁴⁴, mas enquanto aquele vê o desvirtuamento do estado do clero casado como uma aliança com os valores do mundo do pecado, quando idealmente esta prática deveria antes acentuar que na igreja não existem duas castas, possuindo todo cristão batizado o múnus profético, régio e sacerdotal, – o outro pensador, nosso contemporâneo suíço⁴⁵, defende que haja religiosos que livremente queiram ser castos, pobres e obedientes, para assim melhor anunciar o Reino de Deus em primeiro lugar. Porém, obviamente, é claro e incontestável para ambos os autores que o Povo de Deus não pode deixar de ter seus líderes e ministros (servidores da caridade e da liturgia, pois até o Bispo de Roma é antes de tudo um servidor, “o servo dos servos de Deus”, com o serviço de Pedro⁴⁶), homens e mulheres que saibam servir por amor ao Evangelho. – Mas o Espírito Santo é um Paráclito, e não deixa Hans Küng morrer sem ver muitas de suas reclamações começando a dar efeito, ao menos desde o dia 13/3/13, com um novo “Bispo de Roma”, “que se impôs o nome de Francisco”. No entanto, nem com o Sínodo do Amazonas a igreja católica conseguiu vencer esta forte porroca que sempre retorna em Roma, nesta luta das águas, em que o conservadorismo e a ideologia machista até hoje puderam vencer.⁴⁷ Se o atual Papa, Francisco, vencerá o seu e nosso inimigo, o

⁴³ “Do nada não se pode viver. Isso se ouve com bastante frequência, em especial da parte dos pastores. / E justamente os pastores realizam este feito extraordinário: o Cristianismo simplesmente não existe’ – contudo, eles vivem dele.” (KIERKEGAARD, 2019, p. 141.)

⁴⁴ “Jesus e Paulo vivenciaram o celibato de maneira exemplar, renunciando ao casamento para se pôr a serviço das pessoas. O que se deve observar é que o fizeram no pleno exercício de sua liberdade. Pedro e os outros apóstolos foram casados, mas nem por isso deixaram de se dedicar ao serviço. Pelo Evangelho, o celibato só pode ser invocado como vocação livremente assumida, e não como lei vinculativa de caráter geral.” (KÜNG, 2012, p. 260.)

⁴⁵ “Na Suíça, o celibato clerical parece fadado ao desaparecimento.” (KÜNG, 2012, p. 27.)

⁴⁶ “O serviço de Pedro, bíblica e corretamente caracterizado como *primado do servir*, é um primado de *ação pastoral* – um *primado pastoral*.” (KÜNG, 2012, P. 210.)

⁴⁷ “Os argumentos tradicionais contra a presidência do rito pelas mulheres, e contra a sua ordenação, não apenas carecem de qualquer sentido nos tempos atuais como são também teologicamente questionáveis e, mais ainda, de difícil sustentação.” (KÜNG, 2012, p. 113.)

“clericalismo”, é uma questão que só poderá ser decidida ao final de sua missão de Bispo de Roma...⁴⁸

8) No que se refere a esse último ponto, há que esclarecer que Kierkegaard, embora crítico da teoria agostiniana da “concupiscência da carne”, à qual ele prefere suas exposições do fenômeno da angústia, valoriza talvez, enquanto seguidor de Lutero, aqui talvez demasiado a visão agostiniana do pecado original, para que pudesse concordar com várias afirmações e denúncias de Hans Küng.⁴⁹ – Quem lê *O Instante* pode impressionar-se com uma visão sob a égide do pecado para toda a procriação humana, principalmente nos últimos textos. Valeria a pena, entretanto, os pesquisadores mais jovens dedicarem algum tempo a analisar a maneira como o autor desses jornais descreve o sexo enquanto “produção de criaturas perdidas para Deus”⁵⁰, que depois precisarão ser salvas pelo sangue do Crucificado; e denuncia o modo como os pastores juramentados viraram o culto que consistia em fazer a vontade de Deus num culto da vontade lasciva que busca o gozo sexual, numa identificação do tipo “O que Deus agora quer é aquilo de que os homens mais gostam”. Se Deus é amor, por que não vamos todos logo para a cama? Sempre haverá algum padre (capuchinho?) a dizer que, já que Deus é amor, pelo menos grande parte da Sua glória está em nossa árvore genealógica (ou ginecológica).

9) Para os que estranharem ou se escandalizaram com a visão arcaica deste autor dinamarquês sobre assuntos matrimoniais (tão diferentes, em *O Instante*, das teses do Juiz

⁴⁸ “Mais que qualquer outra, porém, a lei do celibato (...) contribuiu para que ‘clero’, ‘hierarquia’, ‘ministros sagrados’, e ‘vocação sacerdotal’ se fizessem descolar do ‘povo’ como ‘leigo’, a ele se sobrepondo completamente. É fato: a clericalização preponderou de tal forma que ‘Igreja’ passou a ser identificada a ‘clero’. Pensando em termos de relações de poder, isso significa que os leigos foram mesmo aliados da Igreja. O clero como administrador dos meios da graça acabou por constituir, por si só, ‘a Igreja’, uma Igreja de clero, organizada hierárquica e monarquicamente, culminando no papa.” (KÜNG, 2012, p. 109.)

⁴⁹ “... uma tradução pura e simplesmente equivocada de Rom 5, 12. Desse modo foi, por Agostinho, historicizado, psicologizado e sexualizado o pecado original de Adão. Para ele, de modo completamente diferente do que se tinha em Paulo, o pecado original assumiu conotação marcadamente sexual. E, ainda segundo Agostinho, esse pecado original seria transmitido pelo ato sexual, desse modo associado à egocêntrica concupiscência = ‘pela carne’ (libido sexual).” (KÜNG, 2012, p. 111.)

⁵⁰ “No cristianismo da cristandade é diferente; batalhões de jovens reprodutores e de mulheres são reunidos, com o que se produzem milhões de crianças – e isso os pastores (...) insistem, isso insistem os pastores (mas o que não faz um pastor, mais do que um alemão, por dinheiro?), isso insistem os pastores ser Cristianismo...” (KIERKEGAARD, 2019, P. 179.) E cada sacramento é motivo de festa: “O cristianismo ‘dos pastores’ tem a ver com o seguinte: com auxílio da religião (que por desgraça deve produzir exatamente o oposto) grudar as famílias cada vez mais egoisticamente, e arranjar festejos familiares, belos, magníficos festejos familiares, p. ex., o Batismo e a Confirmação das crianças, festas essas que, comparadas p. ex., com os passeios ao [parque de diversões de] *Dyrehavn* e outras alegrias familiares, têm um encantamento muito específico: que elas são ‘ao mesmo tempo’ religiosas.” (KIERKEGAARD, 2019, p 187.)

Guilherme, personagem e autor pseudônimo do segundo volume de *Ou – Ou*, de 1843) podemos aqui adiantar duas indicações. (A) Em resposta a Marie M. Thulstrup, esposa do erudito pastor dinamarquês, e escandalizada por Kierkegaard desaconselhar tão fortemente o casamento, o grande professor e ironista Henri-Bernard Vergote escreveu: “*Que Madame le pasteur Marie Thulstrup se rassure donc. Et que chacun se rassure. Ni Kierkegaard, ni le Christianisme du Nouveau Testament n’interdisent qu’on se marie...*”⁵¹ (B) Talvez muitos ainda não saibam o quanto Kierkegaard leu de Schopenhauer nos cinco últimos anos de sua vida, e o quanto usou (com finalidades irônicas, estratégicas, certamente) de suas teorias sobre a metafísica do amor sexual. Nosso autor, que se valia de Feuerbach para explicar aos teólogos o que era o cristianismo verdadeiro, apelou decerto abundantemente ao repertório deste outro admirado autor alemão, Arthur Schopenhauer, a fim de poder carregar nas suas tintas ao pintar a realidade matrimonial “da cristandade de seu tempo”, que abusava dos sacramentos da Bíblia, a toda hora “fazendo Deus de bobo”, zombando de Deus. E *O Instante* mostra explicitamente o quanto há dessa zombaria no batismo das crianças (bem cedo, pois depois não se conseguiria mais membros pagantes para as comunidades⁵²), na crisma (dever-se-ia colocar barbas nos meninos, para fingir maturidade na confirmação do cristão) e no matrimônio, que nada tem a ver com a vontade de Deus, e tudo tem a ver com os prazeres do corpo e com a procriação como prova de desespero frente à eternidade.

10) Mais uma última palavra sobre um tema tratado desde o início: o clericalismo. Independentemente de ser ou não um sacramento, nosso pensador dinamarquês reconhece

⁵¹ Vergote faz este trocadilho com o prenome da preocupada teóloga dentro do seguinte contexto. Ele acabara de dizer: “Car ce n’est pas le Nouveau Testament, ici, qu’il faudrait lire, mais l’œuvre de A. Schopenhauer, que Kierkegaard vient tout juste de lire et qu’il utilise ainsi qu’on a montré qu’il utilise F. Dreier.” – E logo após o trocadilho Vergote completa: “qu’on fasse des enfants, ni même qu’on touche un traitement ou des allocations familiales. L’ironiste demande seulement si, ce faisant, on peut affirmer que c’est le concept, pour lui vide, de christianité qu’on met ainsi en évidence, comme le prétendrait volontiers le bavardage sophistiqué du christianisme officiel, ou si toute l’affaire ne peut se laisser réduire, comme elle se laisse en effet réduire chez A. Schopenhauer, à une simple question d’instinct, ainsi que toute la question de l’Église se laisse réduire facilement, em suivant F. Freier, à une simple question d’argent.” (VERGOTE, p. 518s.)

⁵² Ouçamos a ironia e o sarcasmo de Kierkegaard num tema infelizmente tão atual. Ele imagina que planejem assim: “E isto se faz com muita facilidade (...); arranchemos as crianças, então derramemos em cada uma delas um jorro de água na cabeça, – assim ela [já] é cristã; se uma porção delas nem sequer recebeu seu jorro, tanto faz, desde que imaginem ter recebido, e com isso imaginem que são cristãs: assim em muito pouco tempo teremos mais cristãos do que arenque na temporada do arenque, cristãos aos milhões, e seremos, também pelo poder do dinheiro, o maior poder que o mundo jamais viu. Esta história de eternidade é e será o mais engenhoso de todos os inventos, supondo que caia nas mãos corretas e práticas; pois o Fundador se equivocou, por falta de prática, no que o Cristianismo propriamente é.” (KIERKEGAARD, 2019, p. 99.)

a importância da ordenação, quer dizer, do mandato especial e do envio para pregar. É por isso que ele escreve apenas “discursos” e não “sermões”. Os que estão incluídos neste volume se intitulam: “*Como Cristo julga a respeito do cristianismo oficial*” e “*Imutabilidade de Deus*”. – É verdade que ele chegou a redigir dois ou três “sermões”, no sentido literal da palavra, ao longo de sua produção, mas são apenas exercícios de sua formação, que, de resto, não se concluiu com uma ordenação. – Kierkegaard, não obstante o enorme respeito que demonstrava pelo Bispo Mynster, poupando-o inclusive enquanto este ainda vivia (e esperando da parte dele uma pequena “concessão” que confessasse que o cristianismo pregado por este não era o ideal, não estava à altura do Novo Testamento, mas era apenas “a religião possível”, adaptada às fraquezas humanas e burguesas), nunca fez parte do “clero”⁵³ (nem da Academia, aliás: nunca foi pastor nem professor). Ele fala, portanto, “sem autoridade”. Qual seria, então, o seu lugar de fala? Ele declara e explica que sua tarefa, sua missão, é socrática⁵⁴, e com isso quer dizer: Sócrates, que diz saber que nada sabe, interroga os demais para ver se acaso sabem de algo essencialmente importante; já o autor dinamarquês, por sua vez, declara que: “Eu digo e tenho que dizer que não sou cristão”. E com isso ele quer dizer: a) que ao menos não o é do modo como todo o mundo o é; b) que precisa “dizer que não o é”, para só assim ver se alguém ainda é cristão. No que toca ao clero, porém, ele é radical: Não há, diz *O Instante*, nem um único pastor honesto! E se houvesse alguma exceção, este estaria sendo cúmplice dos desonestos e, com isso, seria também desonesto. – Quando, no hospital, em seus últimos dias de vida, o Pastor Emil Boesen, seu grande amigo desde os tempos de estudos, lhe propôs trazer-lhe a eucaristia pessoalmente, ele o recusou, pois só a aceitaria das mãos “de alguém que não fosse pastor juramentado da igreja oficial”. A isto podemos chamar

⁵³ Por isso ele pode dizer, e inclusive justificar: “Não, não existe, bem literalmente, nem um único pastor honesto. E ao contrário, com a existência do pastor, toda a sociedade é, em termos cristãos, uma infâmia, como ela não o seria se “o pastor” não estivesse junto.” (KIERKEGAARD, 2019, p. 194.)

⁵⁴ “A única analogia que eu tenho para mim é Sócrates; minha tarefa é uma tarefa socrática, revisar a definição do ser cristão; eu mesmo não me denomino um cristão (mantendo livre o ideal), mas posso tornar manifesto que os outros o são ainda menos do que eu.” (KIERKEGAARD, 2019, p. 279) “Sim, eu bem o sei, nesse mundo cristão onde todos e cada um são cristãos, onde ser cristão é algo que cada um naturalmente é, soa quase como uma espécie de loucura, nesse mundo cristão, que aí alguém diga de si mesmo: Eu não me denomino cristão; e alguém a quem o Cristianismo ocupa em tal grau como ocupa a mim. / Mas não pode ser de outro modo; o mais verdadeiro sempre terá de se apresentar como uma espécie de loucura – no mundo do disparate; e é bem sabido que é no mundo do disparate que eu vivo, que ele o é, entre outras coisas, também justamente pelo disparate de que qualquer um, sem mais nem menos, seja cristão: isso é certo.” (KIERKEGAARD, 2019, p. 278.)

uma “ironia executiva”: viver a ironia até na cama do hospital, ser um Sócrates da cristandade até para recusar receber a santa eucaristia, de resto sempre tão valorizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

E como esperamos que nossos leitores estejam dispostos a logo mais se tornarem também leitores desses dois autores, terminemos por onde ambos começaram.

Como e por que Kierkegaard e Küng resolveram escrever o que escreveram? Por motivos praticamente idênticos, ainda que formulados em linguagens diferentes. As suas linguagens são, de fato, diferentes: o católico se preocupa mais com a instituição, que não está correspondendo ao espírito do seu Fundador (o aspecto exterior prepondera); o luterano se preocupa com a prática mundanizada, que não mais reflete a fé, a esperança e o amor que o Modelo queria ver no seu seguimento (e a ênfase está na vida interior de cada um). Mas na motivação, ambos estão muito próximos.

O dinamarquês lembra inicialmente que Platão, na *República*, exalta como os melhores governantes exatamente aqueles que não o desejariam ser. E tira sua consequência:

Entendido dessa maneira, posso dizer que eu me relaciono corretamente com esta tarefa: a de atuar no instante; pois, Deus o sabe, nada é mais contrário à minha alma.

Ser escritor – pois bem, isto me agrada; se devo ser honesto, teria de dizer talvez que me apaixonei por esta coisa de produzir – mas, é bom notar: da maneira como eu o quero. E aquilo que tenho amado é justamente o contrário de atuar no instante. (...) Eu sou uma pessoa de quem com verdade se pode dizer que não tem o mínimo desejo de atuar no instante – é provável que justamente por esta razão eu tenha sido escolhido para isto.

Por que quero eu, então, atuar no instante? Eu o quero, porque me arrependeria eternamente de não o fazer, e eternamente me arrependeria se me deixasse intimidar pelo fato de que a geração que agora vive achará decerto no máximo interessante e curiosa uma exposição verdadeira do que seja Cristianismo, para então depois permanecer calmamente onde está, na ilusão de ser cristã e de que é Cristianismo o cristianismo-de-brinquedo dos pastores. (KIERKEGAARD, 2019, p. 19 s)

Como vemos, Kierkegaard escreve numa época de cristandade europeia, anterior à diáspora, mas não escreve para distrair ou seduzir o público leitor, e sim para sacudi-lo, fazê-lo despertar, e para isso precisa “atuar no instante”. Daí o tom polêmico, às vezes até sarcástico, mas geralmente irônico, socrático. As pessoas ainda se dizem “cristãs”, embora já não creiam nem vivam de acordo com o Cristianismo do Novo Testamento.

Ele então faz uma espécie de argumento *ad hominem*: “Eu não sou cristão, mas se vocês dizem que o são, por que então vivem tão afastados do Cristianismo do N. T.?”

Num outro século e num outro país, Hans Küng, já no século XXI, por volta de 2010, e de dentro da igreja católica, sempre visualizada como uma instituição real, concreta, visível, e que deveria ser apostólica, una, santa, e universal, inicia com uma justificação semelhante, intitulada:

De como eu me vi obrigado a escrever...:

Eu preferiria não ter escrito este livro. Não é nem um pouco agradável ter de submeter a minha amada Igreja a uma crítica tão contundente. (...) Certamente eu preferiria dedicar meu tempo a outras questões e projetos importantes que urgem e estão presentes em minha agenda. Mas o curso da restauração tal como se deu nas últimas três décadas, sob o comando dos papas Karol Wojtyła e Joseph Ratzinger, com seus efeitos cruciais, cada vez mais dramáticos para o ecumenismo cristão, obriga-me a de novo assumir o papel, que tanto me desagrada, de crítico do papa e de reformador da Igreja ... (KÜNG, 2012, p. 11)

E preferiria *não* tê-lo escrito. E não o precisaria, se se tivesse satisfeito a esperança de que o papa *Bento XVI* sinalizasse com uma saída para a nossa Igreja bem no espírito do Concílio Vaticano II. (KÜNG, 2012, p. 12)

E (...) se os *bispos* realmente percebessem a responsabilidade colegial para com a Igreja como um todo (...) E (...) se, com o mesmo vigor de outrora, os teólogos, em conjunto e publicamente, tivessem manifestado oposição à nova repressão e à influência romana na escolha dos novos pesquisadores das faculdades e seminários. Mas a maior parte dos teólogos católicos tem o justificável medo de críticas... (KÜNG, 2012, p. 13)

A Igreja sofre de quê? (...) encontra-se gravemente enferma, padecendo sob o sistema de comando da Igreja romana. (...) o que a caracteriza é um monopólio do poder e da verdade por meio do juridicismo e do clericalismo, da animosidade para com o sexo e com as mulheres, bem como pelo uso do poder nos âmbitos espiritual e não espiritual. (KÜNG, 2012, p. 14).

Hans Küng, teólogo católico, ecumênico, não quer ver o papado dissolvido, “mas sim renovado no espírito de um ofício de Pedro, dessa feita sob uma orientação efetivamente bíblica. Ora, o que deve ser dissolvido é o sistema de comando medieval romano” (KÜNG, 2012, p. 16). A apresentação do livro traz sua data: Tübingen, 1º de fevereiro de 2010. Três anos depois, em fevereiro de 2013, Bento XVI renunciou e em 13 de março o Colégio dos Cardeais elegeu um Papa Francisco. Julgar sobre a eventual melhora, ou aspectos de cura parcial, dessa igreja enferma, de lá para cá, não cabe mais nos limites de nosso artigo.

A mesma sorte não coube a Kierkegaard. Ao distribuir o número 9 de *Instante*, desmaiou na rua e foi levado ao hospital para morrer, um mês depois, de uma

paralisia progressiva que lembra a de seu sábio antigo predileto. O povo dinamarquês, antes considerado oficialmente cristão luterano, atualmente é rico, democrático, de mente aberta, mas muitos jamais terão lido uma única página da Bíblia, em toda a vida, nem mesmo do Novo Testamento.

Como, pois, responderemos à pergunta de nosso título? Sim, para o autor de *O Instante*, a igreja teria salvação, “se e somente se” se deixasse orientar pelo Novo Testamento, mensagem de salvação. Mas Kierkegaard é de um realismo cético ou ao menos sua maiêutica é fortemente irônica. Entre Sócrates e Cristo, seu modelo de vida (que dá o sentido à sua existência) é o segundo, mas sua metodologia (de trabalho, em toda a sua imensa obra) segue a do mais antigo. Pois a ironia pode até não ser a verdade, mas, como está dito ao final da *Dissertação* de 1841, bem pode ser o caminho!

Portanto, a igreja de Cristo pode, sim, ter salvação, curar-se de seus males, mas não “*rebus sic stantibus*” (enquanto as coisas permanecerem como estão), como escreveu Hans Küng, e não se o culto oficial dos chamados cristãos continuar a ser algo de banal, rotineiro, natural, prazeroso, e bem afastado dos desafios do Novo Testamento, esquecido do Modelo e de seu Apóstolo, distanciado do Cristianismo dos primeiros cristãos (como aliás já o insinuava Feuerbach no prefácio de *A Essência do Cristianismo*). E se a tarefa socrática do dinamarquês consistia em “revisar a definição do ser cristão”, suas obras podem ser analisadas filosoficamente, independente da crença do leitor.

Uma vez bastante explicitada a questão e brevemente respondida, podemos agora, para concluir, oferecer ainda uma amostra grátis de sua ironia enquanto medicamento, que infelizmente talvez muitos ainda possamos ou devamos considerar bastante atual, inclusive no nosso Brasil dos tempos de pandemia e de um governo apoiado por tantos pastores:

Seria o mesmo ensinamento, quando Cristo diz ao jovem rico: Vende tudo o que tens – e dá-o aos pobres; / E quando o pastor diz: Vende tudo o que tens e – dá para mim? (KIERKEGAARD, 2019, p. 140)

REFERÊNCIAS:

KIERKEGAARD, Søren. (2009) *Øieblikket nr 1-9; Guds Uforanderlighed; Øieblikket nr 10*. In: **Søren Kierkegaards Skrifter, Bind 13**. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag.

KIERKEGAARD, Søren. (2019) **O Instante**. Números 1 a 10. Tradução de Álvaro L. M. Valls e Márcio Gimenes de Paula. São Paulo: Editora LiberArs.

KIERKEGAARD, Søren. (2017) **Ou–Ou**. Um Fragmento de Vida. Segunda parte. Tradução de Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio D’Água Editores.

KIERKEGAARD, Søren. (1896) *Sören Kierkegaards agitatorische Schriften und Aufsätze*. 1851-1855. Übersetzt von A. Dorner und Chr. Schrempf. In: **Angriff auf die Christenheit**. Die Akten. Stuttgart: Fr. Fromman’s Verlag.

KÜNG, Hans. (2012) **A Igreja tem salvação?** (*Ist die Kirche noch zu retten?*) Tradução Saulo Krieger. São Paulo: Paulus.

KÜNG, Hans. (1976) **Christ sein**. München: DTV.

VERGOTE, Henri-Bernard. (1982) **Sens et Répétition**. Essai sur l’ironie kierkegaardienne. Tome II. Paris: Cerf/Orante.